
AS CONCEPÇÕES DE MUNDO E DE PESSOA DE PAULO FREIRE

Pequenos fragmentos

Lucas Portilho Nicoletti* & Cesar Aparecido Nunes**

Resumo: Este artigo apresenta as concepções de Pessoa e de Mundo identificadas em Paulo Freire. Tem como objetivo expô-las de forma reflexiva, reconhecendo-as como basilares no enfrentamento dialógico e dialético do processo de desumanização que a sociedade atual atravessa. O referencial teórico-metodológico é de natureza qualitativa, suas fontes de pesquisa bibliográfica se constituem em sete livros de Freire e, quanto ao método, optamos pela concepção crítico-dialética. No que se refere às concepções de Freire, podemos reiterar que a ética é indispensável na construção da relação da Pessoa com o Mundo, permitindo a ela questionar sua própria condição no Mundo e superá-la. Reconhece também que a Pessoa é um ser histórico e social, com vocação ontológica para *ser mais* e que tem em sua *práxis* a possibilidade de fazer cultura, pois aproxima de forma orgânica o fazer e o refletir sobre o que está fazendo. Para tal, crê que a raiva justa possa ser um elemento de problematização da sua vida e que, a partir dela, a Pessoa produza conhecimento, lembrando que Freire não separa o *pensar certo* da leveza e da boniteza do processo de construção do conhecimento. Por fim, sustentamos a contemporaneidade de Freire e a necessidade de retornarmos às suas ideias.

Palavras-chave: Paulo Freire, concepções, Mundo, Pessoa, ética

PAULO FREIRE'S WORLD AND PERSON CONCEPTIONS: SMALL FRAGMENTS

Abstract: This article presents the conceptions of Person and World identified in Paulo Freire. It aims to expose them in a reflexive way, recognizing them as fundamental in the dialogical and dialectical confrontation of the dehumanization process that the current society goes through. The theoretical-methodological framework is of a qualitative nature, its sources of bibliographic research constitute seven books by Freire and as for the method, we chose the critical-dialectical conception. Regarding Freire's conceptions, we can reiterate that ethics is indispensable in the construction of Person's relationship with the World, allowing him/her to question his/her own condition in the World and

* Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista, Brasil.

** Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, Brasil.

overcome it. It also recognizes that the human being is a historical and social being, with an ontological vocation to be more and who has in his *praxis* the possibility of making culture, since he approaches organically doing and reflecting on what he is doing. To this end, he believes that just anger can be an element of problematization of his life and from it Man produces knowledge, remembering that Freire does not separate right thinking, lightness and goodness from the process of knowledge construction. Finally, we support Freire's contemporaneity and the need to return to his ideas.

Keywords: Paulo Freire, conceptions, World, Person, ethic

LES CONCEPTIONS DE PERSONNE ET DE MONDE DE PAULO FREIRE: PETITS FRAGMENTS

Résumé: Cet article présente les conceptions de la Personne et du Monde identifiées dans Paulo Freire. Il vise à les exposer de manière réflexive, en les reconnaissant comme fondamentaux dans la confrontation dialogique et dialectique du processus de déshumanisation traversé par la société actuelle. Le cadre théorique-méthodologique est de nature qualitative, ses sources de recherches bibliographiques constituent sept livres de Freire et, quant à la méthode, nous avons choisi la conception dialectique critique. En ce qui concerne les conceptions de Freire, nous pouvons réaffirmer que l'éthique est indispensable à la construction de la relation de la Personne avec le Monde, lui permettant de s'interroger sur sa propre situation dans le monde et de la surmonter. Il reconnaît également que l'être humain est un être historique et social, avec une vocation ontologique à être plus et qui a dans sa *praxis* la possibilité de faire de la culture, puisqu'il aborde de manière organique en réfléchissant ce qu'il fait. À cette fin, il croit que la colère seule peut être un élément de la problématisation de sa vie et que la Personne produit de la connaissance, se rappelant que Freire ne sépare pas la pensée juste, la légèreté et la bonté du processus de construction de la connaissance. Enfin, nous soutenons la contemporanéité de Freire et la nécessité de revenir à ses idées.

Mots-clés: Paulo Freire, conceptions, Monde, Personne, éthique

Introdução

Este texto representa um recorte de minha pesquisa de doutoramento desenvolvida entre os anos de 2012 e 2017 e busca identificar em algumas obras de Paulo Freire sua concepção de Pessoa e de Mundo. Neste sentido, cumpre apontar as obras que serviram de suporte para a confecção deste artigo, quando foram escritas e publicadas, respectivamente. São elas: *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2011b), 1968 e 1974; *Educação e Mudança* (Freire, 2011a), 1976 e 1979; *Partir da Infância: Diálogos Sobre Educação* (Freire & Guimarães, 2011), 1981 e 1982; *Política e Educação: Ensaio* (Freire, 2003), 1992 e 1993; *À Sombra Desta Mangueira* (Freire, 2006), 1995 e 1996; *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (Freire, 1996), 1996 e 1996; por fim, *Sobre Educação: Lições de Casa* (Freire & Guimarães, 2008), 2001 e 2008.

Segundo Polli (2018), existem indicativos claros de que nossa sociedade ganhou forte e rapidamente em direção ao conservadorismo e seus valores, a partir dos quais não se consideram o ser humano em sua totalidade, acusando-o e condenando-o pela condição que ocupa no Mundo e mais, propondo categoricamente que não há possibilidade de superação desta condição.

Nesta ótica, ir a Paulo Freire significa resistir enquanto possibilidade concreta, denunciando e anunciando com rigor, vigor e honestidade, traços elementares e orgânicos de Freire, vividos, professados e escritos no cotidiano de sua vasta obra. Lembramos, inclusive, que ele é um autor contextual, pois enfatiza o que objetivamente viveu no contexto brasileiro e fora dele por quinze anos, a partir da reflexão na qual as classes populares estavam marginalizadas e afastadas dos benefícios que a nova sociedade industrial poderia proporcionar.

Portanto, as ideias de Freire, como seu exemplo de vida, operaram na esfera da integralidade da vida humana e de suas produções materiais e simbólicas, sinalizando a existência de uma poderosa batalha travada pelas classes populares em busca de seus direitos basilares: alimento, saúde, educação, habitação, transporte, emprego, segurança, justiça, etc. Todavia, é curiosa a sensação de que esses direitos ainda estão por vir de forma concreta para as classes populares, e isto indica que Paulo Freire e sua obra possuem uma contemporaneidade absurda.

Sobre a metodologia

Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, de perspectiva bibliográfica e cujo método escolhido foi o crítico-dialético, a seleção das obras analisadas aqui efetuou-se porque identificamos nelas, por meio de uma minuciosa leitura estruturada, entendida como o ato de ler, identificar, extrair, analisar e ler novamente, as concepções de Pessoa e Mundo de Freire.

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar de forma reflexiva estas duas concepções, reconhecendo-as como fundamentais para o enfrentamento do processo de desumanização que nossa atual sociedade atravessa.

1. Concepção de Mundo

Concebemos a “concepção de Mundo” como aquela edificada ao longo da vida dos sujeitos, em intensa e profunda relação deles com o suporte que os cerca. Porém, ao falarmos de suporte, gostaríamos de ampliar seu conceito, na medida em que o vemos não apenas como o ambiente físico e biológico em que estamos inseridos, mas como o ambiente dinâmico, modificável e condicionado pela relação entre ele próprio, o suporte, que se torna Mundo, e aquele

que o habita, o Homem¹. Nessa lógica, é impossível conceber um Mundo sem Homem ou Homem sem Mundo, já que ambos permanecem em constante integração (Freire, 2011b).

Logo, o que proporciona a construção da ideia de Mundo é a relação profunda do Homem com o respectivo Mundo, antes suporte, levando em conta suas características e possibilidades de agir sobre ele. “O mundo de acontecimentos, de valores, de ideias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos” (Freire, 2011a, p. 60).

Respalda esse pensamento Freire ao afirmar que:

Uma das características da experiência existencial no mundo em comparação com a vida no suporte é a capacidade que mulheres e homens criamos de entender o mundo sobre que e em que atuamos, o que se deu simultaneamente com a comunicabilidade do entendido. Não há inteligência da realidade sem a possibilidade de ser comunicada. (Freire, 1996, p. 133)

O suporte torna-se mundo e a vida, existência, à medida que cresce a solidariedade entre mente e mãos; à proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, apreendedor, transformador do mundo e não espaço vazio a ser preenchido por conteúdos.

Neste sentido a passagem de suporte a mundo implica a invenção de técnicas e instrumentos que tornam mais fácil a intervenção no mundo. Uma vez inventadas e aplicadas, homens e mulheres não param de reinventá-las e de criar novas técnicas com as quais aperfeiçoam sua presença no mundo. Toda operação no mundo envolve certa compreensão dele, um saber acerca do processo a operar, um inventário dos achados, mas, sobretudo, a visão dos fins a que ela se propõe. A criação se intensifica na medida da aceleração do ritmo das mudanças conquistadas por técnicas cada vez mais adequadas aos desafios. A rigorosidade do método científico provoca uma maior exatidão das descobertas.

Refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos no e com o mundo. A vida torna-se existência e o suporte, mundo, quando a consciência do mundo, que implica a consciência de mim, ao emergir já se acha em relação dialética com o mundo. (Freire, 2006, p. 20-21)

Assim, podemos admitir a ideia de que a concepção de Mundo em Freire gira em torno da ética, que é elemento vital à sobrevivência do próprio Mundo e de quem o habita, pois ela é necessária para humanizar o humano, permitindo ao Homem ler e apropriar-se do Mundo. Abandonar a reflexão sobre a ética e, conseqüentemente, abandoná-la, colocaria em risco nossa existência. A ética é condição para a existência do Mundo e, conseqüentemente, do Homem.

Ela é necessária para contrapor o discurso fatalista que determina de forma inexpugnável a manutenção das mais diversas formas de ser menos do ser humano, contrariando sua vocação

¹ O termo Homem aparece inúmeras vezes no texto. Ele foi mantido de forma a garantir a fidedignidade e a originalidade das obras de Freire, seu contexto de produção, e indica Ser Humano. Contudo, em algumas passagens, ele foi substituído por Pessoa, revelando, também, o repúdio e combate ao sexismo da linguagem, anunciado e denunciado por Freire. Em nenhum momento pretendemos reforçar o sexismo da linguagem, visto que ele representa mais uma forma sutil de preconceito e impossibilita aos seres humanos *serem mais*.

de *ser mais*, enquanto Homem no Mundo. É essa relação dialética que se faz ética, mediante a aproximação entre o Homem e Mundo.

Nesse sentido, Freire (1996, p. 17-18) afirma:

Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo (...), que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito por B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza* em *puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos.

Perante essa ideia de ética, como poderíamos pensar uma concepção de Mundo que a minimizasse a tal ponto de ridicularizá-la, de relativizá-la em função de interesses conservadores? Pensamos não ser possível em essência sustentar tal ação pois, por mais que se tente relativizá-la, a própria reflexão ética seria capaz de desvelar tais intenções. Isto é, o fundamento da concepção de Mundo em Freire é revelado na medida em que ele atribui à ética a tarefa de desocultar as intenções, as verdades e cuidar delicada e atentamente do Mundo através do Homem e do Homem no Mundo em uma relação profunda e responsável.

Contudo, é importante pontuar que o Mundo não age sobre si mesmo. Quem age sobre o Mundo é o Homem e, na medida de seu comportamento e comprometimento ético, ele criará um Mundo melhor ou pior para sua existência.

Corroborar esse pensamento Freire (1996, p. 18):

Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou daquela autora e devo inclusive expor aos alunos as razões por que me oponho a ela, mas, o que não posso, na minha crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. É uma lástima qualquer descompasso entre aquela e esta. Sua formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde, mas perseverantemente nos dedicar.

Logo, a ética é um elemento nevrálgico na forma como Freire enxerga o Mundo. Ela tem um importante papel naquilo que ele chama de *pensar certo*. Isto é, a ética forneceria instrumentos para que o Homem olhasse o Mundo de forma elaborada, deixando sua ingenuidade para trás e, dessa maneira, modificaria sua própria relação com o Mundo e, por consequência, o Mundo.

Além disso, ao assumir sua condição através do *pensar certo*, o Homem também assumiria “a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico” (Freire, 1996, p. 39). Portanto, o velho que carrega consigo marcas arcaicas deveria ser abandonado; já aquele que traz símbolos da tradição reconhecidamente importantes para o diálogo com o novo deve ser preservado e transmitido.

Outra marca do *pensar certo* é a recusa absoluta a qualquer tipo de discriminação, pois ofende o ser humano, nega a democracia, “é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionantes a enfrentar” (Freire, 1996, p. 67). E como podemos pensar em um Mundo ético sem democracia? Não podemos, já que a democracia valoriza o diálogo, a dúvida e o respeito à diferença e, ao ser reconhecida, abre espaço para a ética.

Freire (2006, p. 19) indica mais uma ideia sobre o Mundo:

Seria impensável um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer, fora da História. A proclamada “morte de História” implica a morte das mulheres e dos homens. Não podemos sobreviver à morte da História que, por nós feita, nos faz e refaz. O que ocorre é a superação de uma fase por outra, o que não elimina a continuidade da História no interior da mudança.

Desse modo, parece estar clara a imagem de que o Mundo se configura a partir de um *continuum* que se revela à frente em função daquilo que é construído no presente. A ação de mudança e transformação do Mundo acontece pelas mãos dos seres humanos que o habitam e com ele estabelecem uma relação visceral, buscando algo mais, modificando, alterando, mantendo ou até negligenciando-o. Diante disso, Freire (2006) afirma que a vocação do Mundo é *ser mais* também, tal qual a orientação do Homem e, a partir daí, da relação que estabelecem.

A esse respeito, podemos situar os seguintes pensamentos:

Na compreensão da história como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos. (Freire, 2006, p. 40)

Para mim, a História é tempo de possibilidades e não de determinações. E se é tempo de possibilidades, a primeira consequência que vem à tona é a de que a História não apenas é, mas demanda liberdade. Lutar por ela é uma forma possível de, inserindo-nos na História possível, nos fazer igualmente possíveis. (Freire, 2003, p. 35)

Então, parece-nos transparente que a transformação do Mundo e de sua realidade histórica se constitui como tarefa humana que deve ser cumprida no presente, por meio da edificação dialógica e, por isso, ética, entre o Mundo e o ser humano, mesmo reconhecendo a existência

de diferenças marcantes entre as pessoas, as etnias, os grupos, as classes, etc. Vejamos que, mesmo a partir das diferenças, a unidade é possível e desejável, posto que os diferentes podem ter os mesmos objetivos e princípios a serem conquistados ou construídos. Um exemplo claro pode ser a luta das diferentes etnias indígenas por uma educação de qualidade em suas comunidades. As etnias são diferentes e têm características, valores e formas de vida diferentes, mas todas lutam efetivamente pela educação de qualidade – lutam, nesse momento, pelo mesmo objetivo. Isso exige diálogo, respeito e o reconhecimento de que há um objetivo maior que supera as diferenças, pelo menos nesse momento de luta. Essa situação poderá se refletir na ética possível de ser construída pelas mulheres e homens no Mundo e com o Mundo.

Freire (2011b, p. 51) indica:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Porém, como nossa vida no Mundo não está determinada, tampouco pode ser considerada estática, as ações propostas para aproximar as diferenças em função da mesma luta podem se mostrar um erro ou equívoco, o que, a nosso ver, se revela como uma tentativa de exercer a liberdade de decidir sobre nossa própria vida. E há alguma ação mais ética do que essa? Ao que nos parece, não, porque o erro ou o equívoco só pode ser reconhecido na medida em que “o sujeito que erra tem consciência do mundo e de si no mundo, com ele e com os outros; quando o sujeito que erra pode saber que errou porque sabe que sabe e que não sabe. (...) o erro é uma forma provisória de saber” (Freire, 2006, p. 71).

E, para além da unidade na diversidade, mas com ela junto, surge a questão da fé libertadora, uma construção humana com o Mundo, para o Mundo e para o humano também. Uma idealização que clama pela coerência entre o ato de professar e o de agir. Uma fé que permanentemente sugere a mudança no Mundo e a superação das injustiças. A transformação dos oprimidos e dos opressores em favor da espécie humana, em favor de “uma sociedade menos feia, menos malvada, mais humana” (Freire, 2006, p. 85).

O Mundo para Freire também é a proclamação de sua fé, que convive coerentemente com seu pensar e agir, permitindo-lhe sentir e sensibilizar-se com o drama do Mundo e das mulheres e homens que nele escolheram viver. Não seria possível imaginar o que pensou deslocado de sua fé, que o impulsiona na defesa de um ser humano mais humano, “genteficado”; que lhe permite resistir àqueles que não têm fé, ou que a têm de forma distorcida e intencionalmente maldosa; que a usam em seu benefício próprio condenando os outros à miséria, à injustiça, a violentar-se historicamente em não atender à sua vocação ontológica de *ser mais*.

Testemunhemos o que diz Freire (2006, p. 85) sobre sua fé, sobre seu Mundo:

Todos os argumentos a favor da legitimidade de minha luta por uma sociedade mais genteficada têm, na *minba fê*, sua fundamentação profunda. *Minba fê* me sustenta, estimula, desafia e jamais me deixou dizer: “Pára, acomoda-te; as coisas são assim porque não podem ser de maneira diferente”.

Jovem ainda, li em Miguel de Unamuno que “as ideias se têm, nas crenças se está”. Estou na *minba fê*, mas, porque ela não é imobilizante, estar nela é mover-me, é engajar-me em formas de ação coerentes com ela em práticas que a dizem, jamais em práticas que a desdizem. Des-dizer a fé não é não ter fé, e sim contradizê-la com atos. Não ter fé é possibilidade e direito dos seres humanos que deixam de o ser, se castrados em sua liberdade de crer ou de não crer. O mal não é crer, não é ter fé, mas dizer-se dela portador e ao mesmo tempo contradizê-la em sua ação.

Perante o que foi posto, percebe-se a necessidade pujante da coerência para que haja equilíbrio na relação do Homem com o Mundo: “Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano” (Freire, 2011a, p. 60).

2. Concepção de Pessoa

Apoiados em Freire (2011b, p. 108), afirmamos que a Pessoa é um ser concreto, “que se faz na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”, na medida em que constrói relações profundas entre si, o outro e o Mundo, influenciado por realidades históricas edificadas por ele mesmo no processo de tornar-se mais. Quando assume sua vocação ontológica no sentido de tornar-se mais e sua natureza social e histórica na produção de sua própria vida, ele se identifica como possibilidade e opera junto à ética universal humana como marca de sua própria natureza. E é a partir desse ponto que poderá efetuar mudanças em sua trajetória de ser humano, de ser Pessoa no Mundo.

Ele é, dentre todos os seres do suporte, o único capaz de ter sua própria vida e a si mesmo de forma consciente, no Mundo, diferenciando-se dos animais, incapazes de separar sua vida do suporte.

Ainda sobre essa questão, Freire proclama estes pontos de vista:

Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o *ser mais*, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente não como um “a priori” da História. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. (Freire, 1996, p. 20)

Isto significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente da inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo. Um ser que, tendo por vocação a humanização, se confronta, no entanto, com o incessante desafio da desumanização, como distorção daquela vocação. (Freire, 2003, p. 18)

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. (Freire, 2011b, p. 128)

Também é marca da natureza humana a incompatibilidade com qualquer forma de discriminação, pois a discriminação ofende visceralmente a possibilidade de *ser mais*, pois não admite a diferença e o direito do outro em sê-lo em diferença.

Desse modo, por sermos seres éticos e, por consequência, capazes de tomar decisões, de discernir, de cotejar, de optar, de agir, de avaliar, de pactuar, o enfrentamento da discriminação é uma obrigação ética. Sobre isso, é possível anunciar que: “Discriminados porque negros, mulheres, homossexuais, trabalhadores, brasileiros, árabes, judeus, não importa por que, temos o dever de lutar contra a discriminação. A discriminação nos ofende a todos porque fere a substancialidade de nosso ser” (Freire, 2006, p. 70).

Na defesa de nosso ser, ser humano, coletivo e não apenas individual, e na exposição de nossas ideias e formas de pensar, temos o direito e o dever de estabelecer a crítica verdadeira, já que ela é um imperativo ético essencial na edificação de nosso caminhar, de nossa aprendizagem democrática. Mas, em hipótese alguma, possuímos o direito de mentir, de falsear a verdade, de criticar sem conhecer de forma rigorosa aquilo que se critica (Freire, 2003).

2.1. Sobre o conhecer

O Homem constitui-se como sujeito de relações, o que por si só supõe a franca necessidade de se qualificar sujeito em conexão com o outro. Freire (2011a, p. 34) afirma que “O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre a comunhão e busca”. Portanto, não seria possível se constituir Homem senão em relação com o outro. E essa relação, para se formar, exigiria uma ampla possibilidade de comunicação entre aqueles que pretendem se comunicar e, conseqüentemente, se constituir numa relação dialógica, na qual a seriedade do diálogo, o esforço do encontro, a reflexão crítica, sistematicamente conduzida, poderiam promover a construção dos sujeitos (Freire, 2006). Destarte, a existência do Homem também passaria pela compreensão, discernimento e crítica de sua situação no Mundo, organizado pelo ato consciente de conhecer.

Dessa forma, Freire (2011a, p. 37) reafirma categoricamente que:

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo.

A partir do momento em que consegue identificar outras existências além da sua, mas relacionadas à sua, na medida em que pode se perceber no outro, mas também perceber o outro em si, está preparado para conhecer a sua realidade, refletir sobre ela de forma crítica, contextualizada e postular hipóteses, pois há alguém que quer conhecer e algo/alguém a ser conhecido (Freire, 2011a).

Testemunha tal ideia Freire (2011a, p. 86) ao anunciar: “Na capacidade de discernir estará a raiz da consciência de sua temporalidade, obtida precisamente quando atravessando o tempo, de certa forma até então unidimensional, alcança o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã”.

Assim, a ação intencional de conhecer o ajudaria a arquitetar sua consciência de Homem e de Mundo, que estaria repleta de sentidos, significações e símbolos, visto que o ato de conhecer permite a tomada de consciência de sua propriedade de sujeito que se propôs a conhecer e tal fato cria uma relação dialética entre sua escolha em conhecer (sua liberdade de tomar decisões, que é uma conquista) e as limitações de sua escolha e daquilo que se pretende conhecer.

Portanto, a decisão de conhecer, do que conhecer e de como conhecer gira na instância do eu, Homem, no Mundo. Freire (1996, p. 26) ensina-nos que “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”. Ensinar a conhecer a si, para conhecer ao outro, ao Mundo e fazer-se cada vez mais presente e sujeito de si mesmo. É necessário assinalar que o processo de conhecer exige curiosidade, que é chancela de humanidade, pois ela nos torna seres em permanente procura, sujeitos da pergunta que nos permite conhecer (Freire, 2006).

Contudo, compreendemos que o ato de conhecer pode conceber-se a partir de várias matrizes, ou seja, é possível traçar inúmeros caminhos para se buscar as respostas. Por esse ângulo, Freire (2006) manifesta sua recusa a certas formas de cientificismo que o acusam de falta de rigor no modo como debate os problemas e no uso de uma linguagem delicada e afetiva para expor suas ideias. Ora, como poderia seccionar e fragmentar-se se o seu pensamento e suas ideias justamente são forjados na perspectiva de ver o Homem como um todo, inteiro e em relação com o Mundo? Como poderia separar a sensibilidade radical que possui e que lhe permite emocionar-se diante dos dramas do Homem para fazer uma análise fria, compactada e cheia de variáveis descontextualizadas?

Quanto a essa questão, Freire (2006, p. 18) assinala: “Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também”.

Por pretender ser assim, uma integralidade, um sentir, pensar e agir único, o Homem reconhece na incerteza um lugar fundamental para construir certezas provisórias, capazes de nos dizer que podemos ter certeza de alguma coisa, mas não podemos esperar que essas certezas

sejam eternas e inquestionáveis. Por este ângulo, é plausível a ideia de que o nosso saber é transitório e vinculado a um determinado cenário onde estamos inseridos, na medida em que reconhecemos que o próprio saber possui uma temporalidade e emerge de uma realidade específica. Isto é, nosso saber é momentâneo e tende a ser substituído, não de forma excludente, por outros saberes, a partir da consciência de que sabemos, mas podemos saber mais e, também, de que não sabemos, mas podemos saber.

Nesse sentido, Freire (2006) afirma que é um ser no Mundo, com o Mundo e com os outros e que, por constituir-se dessa forma, é capaz de criar coisas, conhecer e desconhecer, dizer e ouvir, ter medo e ter coragem, sonhar, amar, ter raiva, sofrer, possuir esperança e se encantar. Um ser humano que não se cala diante das injustiças e tampouco se deixa convencer que o Mundo, tal como está posto, se define pela exploração e desesperança da impossibilidade da mudança. Um ser que não amaldiçoa a tecnologia, pois ela é fruto da produção humana, mas que procura compreendê-la de forma contextualizada.

2.2. Acerca da raiva justa

Sobre a raiva é imperativo anunciar que Freire (1996, 2011b) a reconhece como um direito do ser humano, na medida em que é através dela que se pode exercer a resistência por meio do combate às mais explícitas e implícitas formas que negam a história dos homens e o seu direito a uma vida mais digna. Mas, ao mesmo tempo, infelizmente, é afirmada e reafirmada por aqueles que defendem a ideia preconcebida e fatalista de que a vida e o futuro já estão dados e, portanto, localizam-se fora da História, fora das mãos de quem almeja a mudança, o que inviabiliza a mesma mudança. Ter raiva, raiva coerente, crítica, justa e esperançosa, é uma condição aceitável, desejável e legítima de quem enxerga no futuro problema, e não inexorabilidade, de quem vê na História possibilidade e não determinação.

Essa raiva, que ora se transforma em resistência orgânica e cultural, é uma das maneiras de combater a dor, a fome, o desconforto e a maldade dos opressores. É uma raiva justa contra os preconceitos raciais, de classe, do sexo e da mulher (Freire, 2003).

Mas raiva sem reflexão não basta. É o início, não o fim. É necessária a rebeldia que impulsiona, que rompe com a inércia dos adormecidos como um vulcão que acorda depois de um longo período de sono. Nas palavras de Freire (1996, p. 88), “é deflagração da justa ira, mas não é suficiente”.

É um imperativo categórico canalizar a força da ira, da raiva, da rebeldia em direção à superação delas, no caso, na ação revolucionária, crítica e coerente, justa e humana, intencional e libertadora, capaz de tornar o Mundo um lugar do diálogo entre a denúncia daquilo que desumaniza e a proclamação de sua superação.

Lembremos atentamente, tal qual nos ensina Freire (2008, p. 24), que é fundamental “a relação dialética entre a transformação dessa realidade e a percepção crítica dela”, sem a qual nos tornaríamos ingênuos ao pensar a conscientização dessa realidade, sua compreensão crítica por si só, garantia à própria superação dela, a realidade.

É um ser que reage radicalmente ao modelo econômico, que ignora intencionalmente as consequências que a acumulação indiscriminada de capital traz para milhares e milhares de outros seres. O autor sustenta que não é possível respeitar tal modelo, que coloca o lucro acima da vida, que, em vez de distribuir riquezas, as acumula vertiginosamente e que mente ao dizer que “é assim porque é assim”, “é assim porque Deus quis”, “é assim porque cientificamente foi provado que”. Pensar dessa forma é condenar à morte milhões e milhões de seres humanos, e essa não é nossa vocação original. Nossa vocação é transformar injustiça em justiça, ignorância em conhecimento, ódio em amor, morte em vida, não pertencimento em pertencimento. De acordo com Freire (2003, p. 12), “a nossa experiência, que envolve condicionamentos, mas não determinismos, implica decisões, rupturas, opções, riscos”.

Não podemos renunciar à luta pelo exercício de nossa capacidade e de nosso direito de *decidir* e de *romper*, sem o que não reinventamos o mundo. Neste sentido insisto em que a História é *possibilidade* e não *determinismo*. Somos seres condicionados, mas não determinados. É impossível entender a História como tempo de possibilidade se não reconhecermos o ser humano como ser da decisão, da ruptura. Sem esse exercício não há como falarmos em ética. (Freire, 2006, p. 23)

2.3. Em relação à ética

Ao novamente citarmos a ética como uma característica de base do ser humano, refletimos sobre posturas políticas que poderiam estimulá-la ou não. Assim, Freire concebe o Homem, sujeito da ética, também, a partir de políticas progressistas que poderiam destacar a magnitude das questões econômicas, sociais e políticas no condicionamento da vida das pessoas em busca da mudança ou políticas assistencialistas, que insinuariam que a principal questão daqueles aviltados pelo Mundo estaria centrada em suas próprias deficiências genéticas, o que não é verdade, pois existem outros condicionantes para além do eu biológico.

Entretanto, há uma ideia muito atraente sobre a questão da idade das pessoas que pode dialogar com o entendimento do eu biológico como estimulador da mudança. Foquemos na perspectiva de que a imagem do eu biológico velho se relacionaria diretamente com a decadência, com a imutabilidade, com a manutenção das coisas e das pessoas como elas são e também com a proximidade da morte, pois as células, os tecidos e os órgãos, enfim, o corpo envelhece e morre. Portanto, em uma perspectiva cronológica, o velho está imóvel e fadado ao fim.

Porém, há uma compreensão explícita em Freire para além da cronologia como critério que define o eu biológico velho. Ele é bem claro ao afirmar que nos tornamos velhos ou jovens na medida em que nos colocamos no Mundo de forma passiva, o velho, ou ativa, o jovem, independente da idade.

A partir do enfrentamento de nossas limitações e desafios, a partir do momento em que não nos contentamos com aquilo que nos é dado como verdade estabelecida e rígida, em que exercitamos nossa curiosidade, em que sonhamos sonhos possíveis e impossíveis, em que agimos de forma ética e esperançosa, em que olhamos com carinho a mudança como sinalizadora de vida que segue, nos comportamos de forma ativa como jovens.

E, impulsionados pelos nossos sonhos, utopias e pela vontade de *ser mais*, podemos auxiliar na renovação do Mundo, quando se junta à “disponibilidade da juventude do jovem a sabedoria acumulada do ‘velho’ que se manteve jovem” (Freire, 2006, p. 57). Acreditamos na união sincera e reflexiva, no diálogo como oportunidade de superação e no respeito como valor indiscutível para operarmos mudanças em nossa sociedade.

Vejamos outra ideia de Freire (1996, p. 45) sobre a questão:

Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e, se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, de cima para baixo. Sobre tudo, me proíbo entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me a escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o outro a merecer respeito, é um isto ou aquilo, destratável ou desprezível.

Com essa forma de conceber o Homem e sua vida, Freire critica veementemente o orgulho e a arrogância e diz que ambos nos envelhecem, pois nos afastam do outro. Em contrapartida, ele valoriza a humildade, que nos aproxima e nos permite reconhecer a nós mesmos no outro, em uma relação dialética de existir a partir de nossa relação com o outro e com as coisas que fazemos com ele, que apresenta uma das poucas certezas que podemos ter durante a nossa vida: de que ninguém é superior a ninguém. Freire (1996, 2011a), ao reconhecer o Homem como um ser inacabado e incompleto, identifica nele suas limitações e o seu não saber de forma absoluta, reforçando sua sobriedade. A partir daí, aceitando-se como um ser em constante mudança, como um ser aberto à aceitação do diferente, constrói uma postura ativa em sua vida e em sua relação com o outro.

Logo, Freire (2006, p. 44) deixa-nos mais uma vez clara sua idealização de Homem:

Eu gosto de ser gente precisamente por causa de minha responsabilidade ética e política em face do mundo e dos outros. Não posso ser se os outros não são; sobretudo não posso ser, se proíbo que os outros sejam. Sou ser humano. Sou homem.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é algo dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de que (...) tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismos. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse a sua inexorabilidade. (Freire, 1996, p. 58-59)

2.4. Ao lado, práxis e cultura

Freire (1996, 2006, 2011a, 2011b) concebe também o Homem como um ser da *práxis*, do fazer, da ação e da reflexão que, ao reconhecer-se como ser histórico, inacabado e inconcluso, rompe com sua natureza para transformá-la social e historicamente, consciente de sua temporalidade e transcendência. Ao tornar-se consciente, busca conhecer a própria realidade como uma possibilidade, uma inclinação, uma tendência. Portanto, Freire (2011a) admite que o Homem, para se constituir como tal, precisa ser capaz de agir e refletir sobre sua ação no Mundo, sobre o próprio Mundo e sobre si mesmo em ação.

É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a existência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar. (Freire, 2011a, p. 7)

Nesse sentido, sua habilidade de intervir, de trabalhar, de fazer, de refletir e de modificar a realidade intencionalmente o torna um ser da *práxis*. Porém, uma advertência aqui é fundamental: “Se ação e reflexão, como constituintes inseparáveis da práxis, são a maneira humana de existir, isso não significa, contudo, que não estão condicionadas, como se fossem absolutas, pela realidade em que está o homem” (Freire, 2011a, p. 20).

Essa possibilidade de transformação do Mundo a partir da ação concreta daqueles que criam o próprio Mundo e, conseqüentemente, ao refletir sobre ele, decidem modificá-lo, depende da capacidade de indignar-se e, defronte a indignação, acessar mecanismos reflexivos de leitura da realidade para superá-la. “Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante” (Freire, 2011a, p. 81).

Uma das formas possíveis de superação da realidade seria a viabilidade do Homem acessar sua curiosidade de aprender e, a partir disso, criar condições estruturadas de ensinar. “Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir além de seus condicionantes” (Freire, 1996, p. 28).

Esses condicionantes, políticos, sociais ou econômicos, ao serem distinguidos pelo Homem, potencializam sua ultrapassagem diante de uma infinidade de respostas possíveis. Ou seja, não

há apenas uma forma de vencer os obstáculos que lhe são impostos; a própria maneira de responder às demandas se qualifica a partir da distinção, reflexão, organização, testagem e ação concreta. A forma como o sujeito capta e analisa a realidade é que determinará sua relação com o Mundo real e seus significados.

Daí a importância da cultura, que habita todos os espaços geográficos e históricos, pois é ela que vai fornecer os elementos iniciais para o desenvolvimento da capacidade de discernir, de ler o Mundo de forma consciente e contextualizada, para nele intervir como Homem. O Homem que cria, recria e transforma a cultura a partir de uma relação íntima com ela se mostra capaz de modificar, conseqüentemente, o Mundo, pois é nele e com ele que a própria cultura é gerada.

Compreendendo a cultura como uma criação humana construída histórica e socialmente, e a educação como um processo também histórico e social inserido na cultura, a perspectiva de perceber conscientemente nossa limitação e finitude nos afirma como seres históricos (Freire, 2003). Então, a educação, que é uma especialidade humana, contribui para a reflexão e ação no sentido de vir a ser e de ter a crença em *ser mais*. A educação e, também, um de seus agentes, os educadores e educadoras, podem ajudar o ser humano a desvelar o que outrora estava escondido e libertá-lo para cumprir sua vocação de *ser mais*, pois “a consciência do inacabamento torna o ser educável. O inacabamento sem a consciência dele engendra o *adestramento* e o *cultivo*. Animais são adestrados, plantas cultivadas, homens e mulheres se educam” (Freire, 2006, p. 75).

2.5. O sentido estético junto ao pensar certo

O Homem que Freire exige é ético e estético, posto que não consegue separar retidão de beleza em sua constituição. A coerência entre o que se fala e o que se faz marca de forma indelével o *pensar certo* para agir certo (Freire & Guimarães, 2011). Contudo, o *pensar certo* para agir certo cruza imediatamente a linha da ética e da estética, na medida em que se pode optar, apesar de não ser coerente, pensar errado e agir errado, o que seria catastrófico para a ética e a estética do Homem.

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomando como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O *pensar certo* por isso é dialógico e não polêmico. (Freire, 1996, p. 42)

Nos parece que a questão do *pensar certo* potencializa a confiança que está fundida na matriz do ser humano, levando-o a uma permanente busca por meio da comunicação entre os homens, uma vez que *pensar certo* permite o reconhecimento da transformação enquanto possibilidade – e a possibilidade produz sonho. Logo, o *pensar certo*, se não é condição “*sine qua non*” para a esperança, é um fator que muito a influencia. Lembremo-nos de que a natureza humana, inconclusa e consciente dela, necessita acreditar para lançar-se em busca de sua inatingível integralidade. Mas vale uma ressalva: admitir esta possibilidade não significa buscar a transformação, visto que existem outros condicionantes que historicamente podem ser favoráveis ou desfavoráveis à concretização desta possibilidade. Assim, a esperança é uma marca ontológica do ser humano, mas isso não garante sua instrumentalização, nem sequer seu autor reconhecimento (Freire, 2006).

Nesse sentido, é factível corroborar com Freire (1996) quando ele argumenta que uma pessoa progressista jamais poderá deixar de ser criticamente esperançosa, pois ela “não teme a novidade, se sente mal com as injustiças, se ofende com as discriminações, se bate pela decência, luta contra a impunidade, recusa o fatalismo cínico e imobilizante” (p. 81). Ou seja, a pessoa progressista, ao assumir tal postura perante a esperança, age coerentemente consigo, com seu discurso e com sua prática. “Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam” (p. 129-130).

Na presença de tudo o que foi até esse momento apresentado, Freire (2006, p. 43) estabelece que:

Tudo isso e muito mais robustece o poder de domínio de poucos sobre muitos e torna a luta destes extremamente difícil. Reconhecer a quase tragicidade de nosso tempo não significa para mim, porém, a rendição. A luta de mulheres e de homens pode ser obstaculizada, a vitória pode ser retardada, mas não suprimida.

Considerações Finais

Apoiados nas ideias elaboradas por Freire no tocante as suas concepções de Mundo e de Homem, nos sentimos fortemente estimulados a defender e divulgá-las, pois cremos no poder sensibilizador e transformador que elas possuem.

A ética, elemento fundamental na mediação e construção da relação de respeito do Homem com o Mundo, objetivando transformá-lo em Mundo humano necessita ser diuturnamente professada para ser compreendida. Ela é, em Freire, o alicerce do ser humano no tocante as suas reflexões e ações no sentido de questionar as injustiças produzidas pelo Homem em sua relação com o Mundo e com outros seres humanos. Portanto, a consideramos um atributo essencial para a qualificação da presença do Homem no Mundo.

Da mesma forma, o conhecer, tarefa desenvolvida pelo Homem, também é mediada pela ética e, por isso, possui a consciência que é transitório, admitindo sua brevidade, visto que outros saberes surgirão a partir dos questionamentos que se fizerem presentes, problematizando aqueles saberes já existentes.

Esta problematização poderá vir daquilo que Freire aponta como raiva justa, que é um direito de todo ser humano, reconhecida como reflexão nascida da realidade objetiva, dos seus problemas e injustiças, mas com a perspectiva de superá-los através do diálogo e respeito coletivo. Nessa lógica, a *práxis*, aqui novamente ratificada como a instância da intervenção reflexiva na realidade, de forma intencional, torna-se um tributo imprescindível. Assim, o Homem é um ser da *práxis* e, a partir dela e com ela, produz cultura.

No mesmo sentido, a crença no Homem como ser histórico e sensível permite a compreensão da realidade objetiva e lança-o em direção a sua vocação ontológica de *ser mais*. Porém, cumprir esta sua vocação não se dá de forma natural. Ela precisa ser provocada pelas relações humanas e de forma dialética com o Mundo e o conhecimento. E é na fé, na crença no Homem e sua humanidade que reside a força, a tenacidade e o desejo profundo e visceral de contribuir com a gente que habita este Mundo, visto que não é possível Mundo sem gente e gente sem Mundo, como deixa bem claro Freire.

E levando ainda em consideração que o Homem é um ser incompleto e, portanto, aberto a mudanças e demais construções, parece ser viável a perspectiva de que o próprio Homem poderá se edificar de forma a não permitir nenhuma manifestação de discriminação endereçada a outros Homens. Ou seja, a partir do entendimento de que o Homem, dialeticamente com o Mundo e com outros Homens, podem propor ações não discriminatórias, já que as compreendem como desumanizantes, devem fazê-las, pois Freire afirma categoricamente que a discriminação, por qualquer motivo que seja, fere verdadeiramente a vocação ontológica de todos os seres humanos em tornarem-se mais.

Finalizando, reafirmamos a contemporaneidade das concepções do Mundo e de Homem desenvolvidas por Freire, como também a necessidade de retomá-las em resistência a outras desumanizantes. Aproximar-se de Freire, então, ergue-se como um alento provocativo no sentido de apresentar de forma clara alternativas para o enfrentamento deste momento histórico.

Correspondência: Rua 7 de Setembro, n.º 231, Canarinbo, Boa Vista, Roraima, CEP 69306-530, Brasil.

Email: lucas-nicoletti@hotmail.com

Referências bibliográficas

- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (2003). *Política e educação: Ensaio*. São Paulo: Cortez.
- Freire, Paulo (2006). *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água.
- Freire, Paulo (2011a). *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo (2011b). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo, & Guimarães, Sérgio (2008). *Sobre educação: Lições de casa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo, & Guimarães, Sérgio (2011). *Partir da infância: Diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Polli, José R. (2018). Ética e educação humanizadora a partir de Paulo Freire e Jürgen Habermas. In César Nunes & José Renato Polli (Eds.), *Educação, humanização e cidadania: Fundamentos éticos e práticas políticas para uma pedagogia humanizadora* (pp. 117-137). Jundiaí: Editora In House e Editora Brasília.